

*Lamarca e Iara*



## **LAMARCA E IARA**

### **RESUMO**

Em 17 de setembro de 1971, após uma caçada brutal pelo sertão nordestino, o capitão da guerrilha, Carlos Lamarca cai metralhado pela repressão. Iara Iavelberg já estava morta, depois de ser encurralada em seu aparelho em Salvador.

Eles pegaram em armas, ousaram lutar contra a ditadura, enfrentaram a destruição. Eles foram revolucionários e afirmaram-se no imaginário da sociedade brasileira como um símbolo de contestação, isolamento e morte. No calor da revolução que incendiava o mundo nos anos 60 e 70, paixão e política eram quase sinônimos. E foi misturando estes dois elementos voláteis que Lamarca e Iara se encontraram e se amaram nos subterrâneos da guerra secreta no Brasil. Talvez não tenham conseguido mudar o mundo da maneira que desejavam, mas transformaram radicalmente a si próprios.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Herói; Ditadura; Revolução; Guerrilha

*Juliet: O think'st thou we shall ever meet again?  
Romeo: I doubt it not, and all these woes shall serve.  
For sweet discourses in our times to come.*

(William Shakespeare, Romeo and Juliet.)

Junho de 1971. Quando Lamarca chegou a Brotas de Macaúba, no fim-do-mundo do sertão baiano, iniciou uma espécie de diário, destinado a Iara. O casal viera do Rio de Janeiro, fugindo do cerco da repressão que se estreitava; uma longa viagem, numa Kombi velha e com problemas mecânicos. Aproveitavam para namorar. Logo se separariam: Lamarca começaria a tão sonhada guerrilha rural, juntamente com os companheiros Zequinha, Olderico, Otoniel e Santa Bárbara. Iara se refugiaria em um aparelho no interior baiano.

Em suas anotações, entre análises teóricas e descrições de seu cotidiano em Brotas, Lamarca dirige a Iara declarações carinhosas, saudosas, apaixonadas... Em 6 de julho, escreve: *Te respeito muito e sou feliz por ser o teu amor, sinto saudades de tudo e me alimento das lembranças; penso adoidadamente em ti – é impressionante – nunca pensei amar tanto.* Em 11 de agosto: *se não houver possibilidade de nos encontrarmos mais, tenho de abrir mão do nosso relacionamento no que se refere a você – dar a você a liberdade de se relacionar com outro companheiro.* No dia seguinte, 12 de agosto: *Estou chateado pelo que escrevi ontem e volto atrás: não abro mão do relacionamento porra nenhuma, não quero isso, nem tenho direito – é um desrespeito a você.* Em 16 de agosto: *Quero que você tenha cada vez mais teorizado que te amo muito, que preciso encontrar-me com você, pois morro de saudade...*<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Historiador, formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <barroscassal@starmedia.com>

<sup>2</sup> Texto elaborado a partir do estímulo e da colaboração generosa de Denise Rollemberg.

<sup>3</sup> JOSÉ, E.; OLDACK, M. *Lamarca: o capitão da guerrilha*. 12. ed. São Paulo: Global, 1989. p. 146-149.

Um companheiro levou o diário para entregar a Iara, mas não chegou a encontrá-la. Abandonado dentro de um carro durante um cerco, o diário caiu nas mãos do DOI-Codi. Na madrugada do dia 20 de agosto, a polícia cercou um prédio num bairro de classe média em Salvador e prendeu os moradores de um dos apartamentos. Quando o cerco já estava sendo desmobilizado, soou o alarme: ainda havia uma terrorista, encurralada na área de serviço de outro apartamento. Ouviu-se o tropel de coturnos subindo as escadas, armas engatilhadas, bombas de gás estourando, e um tiro. Iara matou-se ou foi morta pela repressão. Morreu.

Pouco mais de uma semana depois, seguindo o rastro de quedas que desmontara o MR-8<sup>4</sup> na Bahia, dezenas de homens armados cercaram uma casa em Buriti Cristalino, povoado da região de Brotas. Após o tiroteio, Otoniel e Santa Bárbara estavam mortos, Olderico baleado e preso. Zequinha e Lamarca, dormindo no mato, ouvem os tiros e adentram o sertão, iniciando uma fuga que atravessaria centenas de quilômetros de caatinga em vinte dias. No dia 17 de setembro, o exército finalmente alcançou os guerrilheiros, doentes, enfraquecidos e exaustos, descansando sob uma árvore. Lamarca foi cortado por uma rajada de metralhadora sem conseguir fazer qualquer gesto de reação. Morreu deitado. Zequinha tentou fugir e caiu logo depois. É o fim desta história.

Mas muitas histórias seriam contadas a partir desta. Lamarca morreu para se tornar um dos maiores heróis da esquerda armada brasileira. Tornou-se personagem de livros, de filmes e da memória coletiva de sua geração e das seguintes. Ele, que sempre tentou evitar o culto ao seu nome, não tinha mais nenhum controle sobre o mito.

Mito que se construiu ainda em vida, num curto espaço de tempo. No início de 1969, o capitão Carlos Lamarca abortou uma promissora carreira militar de forma ousada: abandonou o 4º Regimento de Infantaria de Quintaúna, em Osasco, com alguns companheiros e dezenas de fuzis Fal, metralhadoras e munição — armas para a revolução — até a vitória final. Lamarca ingressara na VPR<sup>5</sup>, que lutava, juntamente com outras

---

<sup>4</sup> Movimento Revolucionário 8 de Outubro.

<sup>5</sup> Vanguarda Popular Revolucionária.

organizações de vanguarda, contra o regime civil-militar, o imperialismo, o capital espoliador. Grupos que queriam mudar o Brasil, e mais, mudar o mundo, mudar tudo que fosse possível (e impossível) de ser mudado. Che Guevara já caíra na Bolívia, mas o vento da revolução ainda incendiava as imaginações latino-americanas. Um dia esta terra ainda seria um imenso Vietnã.

Nos dois anos e meio de vida clandestina de Lamarca, ele participaria de algumas das ações mais espetaculares da luta armada. O seqüestro do diplomata suíço, trocado por setenta presos políticos; o roubo do cofre com os dólares do ex-governador de São Paulo, Adhemar-Rouba-Mas-Faz-de-Barros, a fuga, com poucos homens, do cerco de milhares de soldados, aviões e helicópteros ao Vale do Ribeira. Ações que aumentaram sua fama quase sobre-humana. Os companheiros lhe confiavam as próprias vidas; os inimigos fugiam em debandada ao toparem com ele, armado, no meio do mato.

Ainda assim, nenhuma destas ações teve a menor chance de mudar os rumos da guerra secreta que dilacerava o país enquanto o povo torcia pelo tricampeonato da seleção brasileira de futebol e assobiava eu-te-amo-meu-Brasil... A esquerda armada estava isolada, cercada, condenada. As massas não seguiram a vanguarda. A repressão crescia em eficiência e brutalidade. Os seqüestros, destinados a libertar companheiros das prisões e da tortura, levavam a mais e mais quedas. Os dólares e as armas se esfumaçaram. Militantes haviam sido presos em Caparaó, seriam presos e mortos no Araguaia; estavam sendo no Ribeira, os campos de treinamento e a guerrilha rural não vingaram. Lamarca sempre insistiu no *recuo para o campo*, mas os únicos tiros que deu em Brotas foram em animais silvestres, e morreu sem defesa, sem conseguir pegar suas armas.<sup>6</sup>

E Lamarca, derrotado, torna-se um herói. Mas que herói é esse, afinal? Um traidor, assassino, terrorista, adúltero, subversivo, como queria a direita? Ou um revolucionário corajoso, desprendido, generoso? Um fanático disparando a esmo, ou um tático brilhante? A reconstrução da memória acompanhará as necessidades de cada época, do jogo de supremacia ideológica constante entre grupos que se opõem.

---

<sup>6</sup> Assim contam aqueles que o mataram. Tanto no caso de Lamarca quanto no de Iara, as únicas testemunhas de suas mortes foram os agentes da repressão.

Os militares pensaram em nomear a operação que caçou e matou Lamarca de Calabar. Dois anos após sua morte, Chico Buarque e Ruy Guerra transformariam o nome do soldado brasileiro que lutou com os holandeses contra os portugueses em sinônimo de mártir revolucionário, num espetáculo teatral coerentemente proibido pela censura. Da mesma forma, conforme a abertura segura, lenta e gradual avançava para uma democracia segura, lenta e gradual, a esquerda transformou Lamarca num dos símbolos de uma geração que enfrentou o dragão da maldade. Nos anos de chumbo, os guerrilheiros eram denunciados pela grande imprensa como terroristas, subversivos, degenerados. Hoje, a TV Globo transmite filmes e minisséries que idealizam a luta armada e a transformam em mais um produto midiático. Lamarca passa a encarnar as virtudes do povo brasileiro (essa abstração!): a resistência ao arbítrio, a coragem de lutar, a generosidade de sacrificar-se, *ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil*. Afinal, entre erros e acertos, Lamarca e seus companheiros agiram. E este é o primeiro passo da trajetória heróica.

E, sob esta perspectiva, é correto considerar Lamarca um herói. A característica fundamental do herói é a capacidade de abandonar as sendas claras e firmes já abertas por outros, para abrir seus próprios caminhos por um território desconhecido. Este personagem, que protagoniza nossas lendas, contos, crenças e, claro, nossa História, não é um mocinho, nem um cara bonzinho. Ele é um antagonista, e ao se mover força o mundo a se mover também.

*Ousar lutar. Ousar vencer.* O herói não tem tempo nem paciência para esperar ou negociar. Lamarca diria aos companheiros: *O governo se declarou em guerra contra todos os que contestam o regime. Ou vocês participam ou saio sozinho com meu 38.*<sup>7</sup> Os caminhos que o herói abre à força têm origem em seu interior, e ele nunca transforma tanto o mundo quanto transforma a si mesmo. Como percebe Eudoro de Sousa, *este homem não está em trânsito, ele próprio é o trânsito.*<sup>8</sup>

As conseqüências desse primeiro passo, da recusa a caminhar como assim caminha a humanidade, são a perda, o

<sup>7</sup> PATARRA, J. L. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 277.

<sup>8</sup> SOUSA, E. de. *História e mito*. Brasília: Ed. da UnB, 1981. p. 10.

isolamento e, afinal, a morte. Um preço módico, no entanto, pela descoberta de si mesmo.

Ao abandonar, de armas e bagagens, os quartéis onde passara a metade de sua vida, Lamarca estava abandonando muitas coisas: casa, pais, amigos, esposa, filhos, um futuro provável como general estrelado. Sua tranqüilidade. Sua segurança. Seu lugar na sociedade.

Deixando tudo isso para trás, não sem dor e culpa, Lamarca mergulhou no caos em que o golpe de 64 precipitara o Brasil. Sua vida passou por uma metamorfose radical. Militar de carreira, Lamarca estava destinado a dar e seguir ordens. Mas os meses que passou no Canal de Suez, em 1962, participando da força de ocupação da ONU<sup>9</sup>, sensibilizaram-no para o sofrimento do povo árabe. Povo tão parecido com o que ele encontrou, ao voltar a seu próprio país. Ele começou a contestar o regime através desta via humana, emocional, e somente depois viria a leitura dos clássicos marxistas. São as convicções de Lamarca que o afastam do exército: *À tropa ensinei morrer pelo Brasil e comando porrada em estudante?*<sup>10</sup>

Homem honesto e íntegro, abraçou uma vida dupla, desviando armamentos e facilitando a fuga de companheiros ainda no exército, escondendo-se em aparelhos e disfarces na clandestinidade. Abandonou seu rosto, seu nome, sua história e reconstruiu-se numa guerra sem regras nem limites. Recebeu a pecha de desertor, criminoso, traidor. Mas escrevia cartas aos filhos em Cuba, explicando sua opção e dizendo-lhes para agirem sempre com dignidade e independência.

Mas talvez a maior e mais heróica transformação que Lamarca empreendeu em si mesmo tenha sido a menos aparente na vida de tal guerreiro: amar Iara.

Iara era uma menina de boa família judia de São Paulo, casada e desquitada precocemente, dondoca que não abria um vidro de conservas para não quebrar a unha. Mas Iara também era psicóloga, professora, intelectual, uma militante. E Iara era uma mulher com mil amantes, tão livre sexualmente quanto se poderia ser naquela época de Marcha da Família com Deus pela Liberdade e namoradinhas do Brasil, mas também de pílula anticoncepcional e Leila Diniz.

---

<sup>9</sup> Organização das Nações Unidas.

<sup>10</sup> PATARRA, op. cit., p. 306

Iara encarnava dezenas de personagens diferentes, todas profundamente femininas. Entrou para a luta armada sem perder esta dimensão, sem deixar de tornar-se bonita, sensibilizar-se, humanizar-se. Ia ao cabeleireiro, fazia compras, preocupava-se com os companheiros: *Os militantes eram meio insensíveis. Perderam os nomes, enfrentavam ações armadas e enorme violência dentro de si. Iara preocupava-se em permanecer sensível.*<sup>11</sup> E isso infringia regras, quebrava tabus, desorganizava a hierarquia. Assim, Iara só poderia ser uma mulher *falada* no interior de uma organização que conseguia ser tão sectária e preconceituosa quanto revolucionária e libertária. Tanto bem quanto mal falada – ela fascinava e desconcertava.

Lamarca e Iara, que tiveram um encontro fugaz anos antes, quando ela era uma adolescente bonitinha de biquíni e ele um milico sério, se reencontraram no centro do furacão, no ventre da baleia, no combate nas trevas. Pouco tempo depois de Lamarca entrar para a clandestinidade, já eram amantes. Lamarca sofria: *Não será sacanagem? Mandar a mulher para longe e depois arranjar outra?*<sup>12</sup> Mas ele, que abriu mão de tudo em nome da revolução, não abriria mão de Iara. Sua relação se construiu em aparelhos, em meio ao silêncio e à angústia, à possibilidade de não voltar de uma ação. O medo montado nos ombros. A morte sempre presente e a felicidade de mais um dia roubado a ela misturavam-se em seu cotidiano.

Quando as ações os separavam, suportavam a saudade e o temor constante pelo outro. Iara sonhava com Lamarca morto, ele lhe escrevia: *Tenho medo pela tua segurança, só isto eu temo na vida.*<sup>13</sup> Conviviam com a ausência de notícias, sem saber onde o outro estava, quando iria vê-lo novamente, tentando decifrar as notícias censuradas dos jornais. Quando conseguiam estar juntos, criavam simulacros de uma vida normal: jogavam cartas, brincavam com os companheiros, Lamarca cozinhava sopa de inhame, Iara fazia pratos sofisticados; Lamarca torcia pelos calouros do Chacrinha, Iara se maquiava e se enfeitava como que para uma festa, mesmo que eles não pudessem nem colocar o pé nas ruas forradas de cartazes de Procura-se e Terroristas

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 404

<sup>12</sup> JOSÉ; OLDACK, op. cit., p. 58

<sup>13</sup> Ibid., p. 145



Perigosos. Transavam, estudavam, faziam planos. Planos políticos, de um mundo socialista, das massas em movimento em direção à sua soberania, mas também planos íntimos, que diziam respeito só a eles mesmos.

Iara e Lamarca protegiam com unhas (pintadas) e dentes (falsos) as migalhas de intimidade, paz e esperança que poderiam ter. Principalmente esperança. A revolução seria vitoriosa um dia, e eles poderiam viver plenamente sua relação no socialismo, numa fazenda coletiva, com muitos, muitos filhos.

Convivendo cotidianamente com a morte, eles queriam filhos. Irracionalmente, ardentemente. Lamarca partiu para Brotas levando a expectativa de uma possível gravidez de Iara, que mais tarde seria dolorosamente desfeita. O desejado filho deles — o Mini — aparece a todo momento nas anotações de Lamarca. Iara, estéril, fazia tratamento para engravidar, sonhava com uma casa, filhos, seu homem. A situação da esquerda armada — agora ambos estavam no MR-8 — era desesperadora, o inimigo aproximava-se cada vez mais, mas Lamarca e Iara construía um futuro conjunto.

Parece contraditória essa vontade de criar laços concretos, visíveis, quando tudo estava se desmanchando no ar, quando eles nem mesmo podiam se chamar pelos próprios nomes. Iara era Clara, Maria Lúcia, Isa. Lamarca era Cirilo, Pagão, Cid. Ambos deviam tomar precauções de agentes secretos — codinomes, perucas e bigodes falsos, senhas, camas em quartos de casas que não conheciam, de pessoas que não conheciam. A desconfiança constante. Mas, ainda assim, havia entre eles espaço para um (dois, vários, milhares) de filhos. E sonhos suficientes para preencher uma longa vida.

Isso porque as lógicas do amor e da guerra se opõem, mas eles escolheram viver plenamente estes dois mundos, do jeito que desse, aos trancos e barrancos. Naquele momento, a guerra mandava, e o casal adaptava sua relação a ela, procurando conquistar pequenas regalias aqui e ali — brigando para ficar no mesmo aparelho, insistindo para que os companheiros levassem suas cartas de amor, falha grave de segurança. Mas viria o dia, eles acreditavam, que haveria espaço e tempo para amar.

Ao ler Romeu e Julieta, me pergunto o que aconteceria com o jovem casal se o veneno e o punhal não abreviassem suas vidas? Uma das mais célebres histórias de amor da literatura se desenrola no espaço de dias. Escapando da tragédia, teriam eles

envelhecido juntos? Abelardo, em seus últimos anos, escreve a Heloísa mostrando-se um tanto arrependido dos arroubos juvenis que levaram à sua castração e à ida dela para um convento (mas ela não se arrepende). Casamentos até que a morte os separe sobrevivem?

Mas o fato é que Romeu e Julieta estão mortos. Morreram por suas opções. Assim como Tristão e Isolda, Sigfried e Odile, Cleópatra e Marco Antônio, Bonnie e Clyde. Suas histórias revelam o paradigma da paixão breve, radical e — inevitavelmente —, trágica. Heróis adolescentes por excelência, Romeu e Julieta não contemporizam nem adiam. O amor deles tem que ser vivido no agora, e até o fim. Todas as precauções são deixadas de lado.

Trajatórias radicais incomodam, bagunçam o coro dos contentes (ou descontentes). Não há espaço no mundo para pessoas assim, a não ser como símbolos. Para os caras-pálidas do senso comum e do respeito à ordem instituída, o único herói bom é o herói morto. E, de preferência, erigido em estátua, para não mais sair do lugar — petrificado.

O aspecto pleno destes rebeldes, contestadores, revolucionários, que foram Iara e Lamarca, talvez esteja justamente na relação que eles viveram. O ex-milico e a ex-dondoca, o guerrilheiro e a intelectual, o ciumento e a liberada. Quantas mediações não foram necessárias? Nos seus escritos de Brotas, Lamarca escancara o tempo todo para Iara a influência dela em sua vida, na reformulação de seus conceitos, de sua visão do mundo, de sua cuca:

*Aqui os companheiros te consideram muito como a companheira que me deu condições políticas para deslanchar — e acho que esta é a visão nacional e internacional sobre você. Também no Chile e em Cuba seu nome foi lançado. Acho que — como representante da mulher brasileira — escolheram bem. Não estou estimulando a motivação, apenas relatando — mas contente também.<sup>14</sup>*

De fato, Iara foi a influência fundamental na formação intelectual de Lamarca. Ela se reencontrara com o capitão já no

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 141

papel de professora, como a militante encarregada de ministrar assistência teórica ao grupo de militares do 4º RI de Quintaúna. Iara inaugura um mundo para Lamarca: além de Lenin e Trotsky, lhe apresentaria Freud e Reich, Marcuse e Brecht, e, claro, Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches — amor e política. Iara estava por dentro do que estava acontecendo no mundo, no teatro, no cinema, na música. Discutia Galileu, Galilei e Alegria, Alegria; Jules e Jim e O Caso dos Irmãos Naves com igual desenvoltura, pensamento rápido, entusiasmo constante.<sup>15</sup> Possuía um pensamento independente, crítico muitas vezes com o dogmatismo das esquerdas. Diante da rigidez militarista de Lamarca, Iara brincava: *meu stalinista*.

Iara mostrava a Lamarca que é necessário perceber as limitações alheias, tentava — nem sempre conseguindo — suavizar a intransigência do líder para com as falhas dos comandados, principalmente com quem abria informações na tortura. Iara percebia no pau-de-arara, no choque, no afogamento, nos sofrimentos indizíveis, uma prova que ultrapassava as medidas de cada um: *Até que ponto vai a resistência? É imponderável. Não acho que o companheiro deve morrer*.<sup>16</sup> Opunha-se ao *justiçamento* de reféns e *traidores da causa*. Seu humanismo estava acima das teorias políticas. E Lamarca, diante das resistências do governo em soltar os presos pedidos em troca do embaixador suíço, recusou-se a justificá-lo como pediam os companheiros. Assumiu para si as prerrogativas de comandante, negociou com o governo e conseguiu a libertação de 70 companheiros.

Mas, maior que o impacto da psicóloga na cuca do capitão, provavelmente foi o impacto erótico da mulher para o homem. Lamarca casara com uma amiga de infância, e sua posição em relação ao amor e ao sexo não deveria diferir muito da de outros militares de carreira de origem suburbana, nascidos no final da década de trinta. Iara era bonita, inteligente, independente — não poderia ser apenas uma esposa à sua sombra, mas sim uma companheira ao seu lado e, por vezes, à sua frente. Lamarca teve que lidar com o ciúme: ciúme dos inúmeros ex-namorados de

---

<sup>15</sup> Deixar de ir ao teatro, ao cinema, era outra privação que a clandestinidade infringia a Iara. Às vezes, quebrava todas as regras de segurança e ia assistir a um filme.

<sup>16</sup> PATARRA, op. cit., p. 282

Iara dentro e fora das organizações, ciúme das inúmeras possibilidades de intimidade que a convivência num aparelho com outros companheiros proporcionava. O casamento infeliz fizera Iara se abrir para um mundo de possibilidades: *Sou de opinião que a gente deve experimentar de tudo na vida.*<sup>17</sup> E, de fato, pela vida de Iara já havia passado músico, atleta, filósofo, dentista, dirigente estudantil, guerrilheiro, artista, operário. Também Zequinha, que acompanhou Lamarca em sua última fuga, carregando o companheiro doente nas costas, recusando-se a abandoná-lo para salvar-se: *Quem é amigo na vida é amigo na morte.*<sup>18</sup>

Mesmo se mantendo fiel a Lamarca, a fama de namorada de Iara afetava o capitão — e os demais companheiros. O casal precisava lidar com insinuações maldosas que causavam desentendimentos entre eles e com o machismo renitente de muitos dos militantes empenhados em “libertar” o país. Iara sofria, mas não se encolhia no papel que queriam lhe destinar. Psicóloga e intelectual, ela era descolada na teia dos significados e das intenções: *Afirmam a masculinidade, compulsivos, porque não se aceitam. E adotam preconceitos... Ou fazem exibição de virilidade.*<sup>19</sup>

Lamarca, o confiante comandante da guerrilha, sofria por ciúmes e por medo de deixar de ser amado — sofrimentos comuns e triviais. Aprendeu com Iara sobre as armadilhas dos relacionamentos entre homens e mulheres, e deixava perceber o quanto as idéias de Iara mexiam com suas próprias concepções sobre a moral revolucionária:

*Você tem razão quando, como Freud, localiza o sexo no centro — há de se entender o sexo dentro da política revolucionária. É comum ouvir-se: não sou capaz de cantar mulher de companheiro — ou seja, mulher é para se cantar, e apenas a “ética” impede que se o faça.*<sup>20</sup>

Como tantos casais, Lamarca e Iara desentenderam-se, discutiram, perderam-se por algum tempo — mas sempre encontraram formas de se reencontrarem. Nos curtos dois anos

<sup>17</sup> Ibid., p. 66

<sup>18</sup> JOSÉ; OLDACK, op. cit., p. 164

<sup>19</sup> PATARRA, op. cit., p. 358

<sup>20</sup> JOSÉ; OLDACK, op. cit., p. 145

e pouco de relação, entrecortados por separações forçadas, mantiveram uma aura de prazer e cumplicidade que os faziam parecer, para aqueles que conviveram com eles – namorados. A possibilidade de receber uma visita de Iara levava o capitão a tomar banho e colocar roupa limpa, a foto dele em cartazes espalhados pela repressão fazia com que Iara se arrepiasse: *Que homem lindo!*

O esforço visível do capitão para tomar como sua a perspectiva de Iara expõe tanto sua fragilidade – liberando Iara para se relacionar com outro companheiro, para logo a seguir voltar atrás e dizer que não abre mão dela – quanto o rigor com que lidava com todos, principalmente consigo mesmo – *juro não ser ciumento e lutar junto contigo pela tua liberdade*<sup>21</sup> – ele escreveria (e não é uma bela jura de amor?). Assim como na guerra, Lamarca assumiu todos os riscos desta relação. Inclusive o maior dos riscos: ser transformado por ela.

A revolução transformou Lamarca em outra pessoa. Por dentro e por fora. Para despistar a repressão, ele arrancou parte dos dentes em troca de uma dentadura e fez uma plástica no rosto. Detestaria o resultado: *este rosto não é mais meu!* Mas ele ainda não percebera que o seu rosto não mudara tanto quanto ele, ex-milico, ex-marido, ex-membro respeitável da sociedade. Iara matou a charada – a plástica fora um sacrifício, um rito de passagem para o nascimento do novo homem.<sup>22</sup>

Mas Iara não era uma espécie de eminência parda por trás do comandante, fazendo sua cabeça em todos os aspectos. Tanto quanto Iara transformou Lamarca, ela transformou-se por ele. A começar por abrir mão das infinitas possibilidades de namoro que se apresentavam. Ao envolver-se com o capitão, ela percebeu que com ele a coisa teria que ser séria. E esta é uma opção que a fascinava: *quero um homem de verdade, chega de meninos*.<sup>23</sup> Lamarca, mesclando dureza e ternura, lhe provoca uma vertigem que ela não encontrara até então, um gozo inaudito, a vontade de vencer a esterilidade e ser mãe. Lamarca também lhe apresentou um mundo novo: *Aprendi a ver o cidadão concreto e as coisas miúdas, além da reforma agrária e a humanidade abstrata. E tenho*

---

<sup>21</sup> Id.

<sup>22</sup> PATARRA, op. cit., p. 403

<sup>23</sup> Ibid., p. 291

*ciúmes, que maravilha!*<sup>24</sup> Com ele, Iara abandonou de vez a adolescência e descobriu-se mulher, assumindo as possibilidades e responsabilidades de sua vida. Assumiu a relação até as últimas conseqüências, recusando-se a sair do país, abandonar Lamarca, mesmo tendo claro, diante dos olhos, a perspectiva da prisão, da tortura, da morte. Iara também conhecia o preço de sua trajetória heróica, e mostrou-se disposta a pagá-lo até o fim.

Iara e Lamarca viveram um romance com todos os componentes trágicos: separações forçadas, vilões poderosos, cartas extraviadas. Ao encerrar o diário, Lamarca escreveu: *Vou te ver, nem que seja a última coisa na minha vida. Mil beijos do teu, Cirilo.* Uma promessa que ele não conseguiria cumprir. Iara morreu sem ler o diário. Lamarca morreu sem saber que Iara já estava morta, que o corpo amado estava numa gaveta do morgue de Salvador. Um abismo os separava, abismo que suas mortes tornariam irremediável.

Busquei Lamarca como o supra-sumo do herói militar e descobri-o um herói romântico. Romântico como Roberto Carlos cantando *Amada Amante*, que fazia os olhos da sofisticada Iara brilharem: *É a nossa música!* Falar em romantismo, comparar Lamarca e Iara com Romeu e Julieta parece levar a uma idealização de sua relação — estender a mitificação que envolve a figura do capitão ao campo de seus afetos. Mas a face passional de Lamarca também deveria ser compreendida na evolução de sua personalidade heróica. Às vezes, constrói-se a memória da esquerda armada como uma organização maniqueístamente entre militares duros e frios e intelectuais emocionais e impetuosos. Às vezes, constrói-se a memória destes revolucionários como vítimas de um poder grande e mau, de uma história com um final triste.

Mas Lamarca e Iara não foram vítimas desta história — foram protagonistas. Suas escolhas os levaram ao afastamento e à morte. Não um afastamento desejado, não uma morte desejada. Mas uma conseqüência possível e conhecida das suas opções. Lamarca e Iara abandonaram toda a segurança — e tudo o que os segurava — para entrar numa região ignota. O mais heróico de seus feitos é aquele que provavelmente ficará menos conhecido: terem se amado em meio à guerra.

Para Renata.

---

<sup>24</sup> Ibid., p. 425

## **LAMARCA AND IARA**

### **ABSTRACT**

In September 17, 1971, after a brutal hunt in the northeastern's hinterland, the guerilla's captain Carlos Lamarca falls shot down by the repression. Iara Iavelberg was already killed, after being enclosed in her hiding-place in Salvador.

They took weapons, dared to fight against dictatorships, faced destruction. They were revolutionaries, and affirmed themselves in the brazilian society's imaginary as a symbol of contestation, isolation and death. In the revolution's heat that set on fire the world in the 60's and 70's, passion and politics were almost synonymous. And mixing these two volatile elements that Lamarca and Iara met and loved themselves in the secret war's undergrounds in Brazil. Perhaps they weren't able to change the world as they desired, but they certainly transformed themselves radically.

### **KEYWORDS**

Hero; Dictatorship; Revolution; Guerilla



Décimo-quarto passo da paixão, 1985

FERRO. S. Décimo-quarto passo da paixão. 1985. Reprod.: color.; 144 x 113 cm em papel. In: \_\_\_\_\_. *Futuro anterior*. Tradução Maria Lúcia Monte, William Shelton, Regina Morganti. São Paulo: Nobel, 1989. p. 45. Coleção Otavio Piva de Albuquerque.